



Ser uma mulher? O ponto de vista de uma psicanalista

Danielle Quinodoz, Genebra*

A autora observou que, quando suas analisandas definem a feminidade unicamente pela negativa (uma mulher é um ser sem pênis), elas são dominadas pela “inveja do pênis, tão bem colocada em evidência por Freud. Com frequência experimentam sentimentos de decepção, vergonha e culpabilidade. Logo que essas analisandas tomam consciência que o fato de não ter “um” dos dois sexos permite ter o “outro”, é a presença de seu sexo feminino que as define como mulheres e não mais unicamente a ausência de sexo masculino. É assim que aparece nessas analisandas uma nova realidade de fantasia, em busca das riquezas femininas ocultas.

* Membro Efetivo da Sociedade Suiça de Psicanálise.





Eu *sei* que sou uma mulher. É evidente. Mas também *sinto* que sou uma mulher, o que se revela bem menos evidente à reflexão. Como ocorre que eu o *sinta*? O que é que constitui a especificidade do feminino? Interrogar-se sobre o feminino é sublinhar a diferença entre as mulheres e os homens. Mas no instante mesmo em que pensamos “diferenças”, pode-se insinuar uma idéia de hierarquia: quem é o mais forte? Assim sendo, desejo situar-me em uma perspectiva na qual, sem me ocupar de qualquer hierarquia, as diferenças ressaltem a originalidade de cada um.

O ponto de vista de Freud

No início da vida: o mesmo objeto de investimento para os bebês dos dois sexos

Freud põe em evidência que, no início de suas vidas, os bebês dos dois sexos investem com prioridade a mãe, aquela que os pôs no mundo, os alimenta e lhes propociona os primeiros cuidados. Para a menina como para o menino a mãe é o primeiro objeto. Mas essa situação muda desde o momento em que o complexo de Édipo começa a apontar. O menino vai manter o mesmo objeto de investimento: a mãe que lhe dava os primeiros cuidados vai se tornar aquela com quem ele quer casar. A menina, ao contrário, vai mudar de objeto: a mãe não permanece o objeto investido e sim o pai. É ele que a menina quer esposar.

Para Freud essa mudança de objeto implica em diligências muito diversas nas crianças dos dois sexos: o menino vive esse período sob o signo da *angústia de castração* e a menina sob o signo da *inveja do pênis*. Examinemos essa diferença de modo mais detalhado a fim de melhor compreendermos o que se passa distintamente nas meninas e nos meninos.

O papel da angústia de castração no menino

De acordo com Freud, na perspectiva do *Édipo direto*, o menino deseja casar com sua mãe e eliminar seu pai, o rival. Ele teme que o pai, bem mais forte que ele, o castré para puni-lo de seus desejos edípicos e defender seu território. O filho experimenta uma angústia de castração real, mesmo que a castração que o ameaça – ele a sente desse modo – seja quase sempre mais simbólica que real. Essa angústia vai servir de motor para o menino e lhe permitirá eliminar totalmente seu complexo de Édipo. Com efeito, para salvar seu pênis, o filho vai renunciar a casar com a





mãe e a eliminar o pai. Dessa maneira ele não correrá mais o risco de ser punido e a angústia de castração não terá mais razão de se manifestar. O filho será assim aliviado de sua angústia de castração logo que tiver superado seu complexo de Édipo.

Caso permaneça aí, o menino vai inconscientemente *introjetar* esse pai rival castrador. Isto é, há de guardá-lo simbolicamente nele mesmo como uma personagem interna ameaçadora que vai colorir por inteiro sua vida de homem. Por exemplo, a cada vez que se confrontar com uma relação de hierarquia, poderá, logo a seguir, reagir dizendo-se inconscientemente: “Por medo de represálias é que eu não faço o que a autoridade reprova”; ou, se for menos dócil, sua reação será antes a de dizer-se: “Eu me rebelarei sempre contra toda autoridade, pois ela o que quer é me castrar”. Outros ainda, inconscientemente, colocar-se-ão na posição daquele que castra pessoas vistas como inferiores. Seu *superego* é *castrador*, alguns detendo aí sua evolução.

Mas, para superar o complexo de Édipo, pode-se abrir uma outra via complementar à precedente, sem que uma impeça a outra. Ou seja, para o filho, o pai não se trata unicamente do rival a abater, ele permanece também um amado companheiro de brincadeiras. Ele não quer fazer sofrer esse pai que tanto se ocupou dele, quer guardá-lo como pai. Além disso não quer perder a mãe tornando-a sua esposa. Daqui em diante, caso deseje renunciar a seus desejos edípicos, é para proteger e conservar seus primeiros objetos de investimento. Recusando a realização direta de seus desejos, o pai protegeu seu filho e lhe permitiu evoluir. O filho pode, então, inconscientemente, introjetar um pai protetor. Seu *superego* é *protetor*. Vemos assim a ambivalência dos desejos edípicos; como, de um lado, a criança pode desejar esposar sua mãe e matar seu pai e, ao mesmo tempo, de outro, com igual força, querer que os pais resistam a sua aspiração.

Reencontramos isso na análise, logo que os pacientes transferem para o analista seus desejos edípicos e lhe pedem, por exemplo, de modo manifesto, atos de ternura ou amor. É da maior importância que o analista não ceda a esses atos, mesmo se mostrando muito frustrante, pois é fundamental que o paciente possa tomar consciência de que, se deseja gestos de amor do analista, ele deseja com mais força ainda que esse resista e permaneça no seu lugar de analista/pai.

Com efeito este esquema se complica, já que devemos ter em conta o que chamamos de *Édipo invertido*. Na sua admiração pelo pai, o filho, em vez de se identificar com o pai que ama a mãe, quer também, inconscientemente, identificar-se com o objeto amado pelo pai, isto é, com a mãe. Podemos assim ver em cada homem uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe, o que é decisivo para que ele possa compreender uma mulher.

Assinalo ainda que, no momento em que o menino está a ponto de superar seu





complexo de Édipo, ele pode experimentar um grande desejo de se aproximar de novo do pai, admirado e forte, que soube seduzir a mãe. Esse desejo que, por vezes, se tomou como homossexualidade, é importante que seja compreendido, pois vamos reencontrá-lo em simetria nas meninas. Esse desejo no menino significa: “Papai, eu me coloco totalmente junto a ti, para que tu me mostres como fazes para amar mamãe. Me ensina como amar as mulheres e quem são as mulheres.” Se neste caso alguns falam de homossexualidade, deve-se dizer que se trata de uma *homossexualidade estruturante normal*.

O que, segundo Freud, se passa nas meninas? O papel da inveja do pênis

Acabamos de ver que a angústia de castração serve de motor para a evolução edípica dos meninos. Ora, Freud mostra que as mulheres não têm esse motor, pois, mesmo se apresentam um complexo de castração, elas não podem experimentar a *angústia da castração*, pois, não tendo pênis, não têm como temer-lhe a perda: “As mulheres, que têm com certeza, um complexo de castração, não podem ter a angústia de castração (Freud, conferência, *Angoisse e vie pulsionnelle*, 1933, p.119). Assim as meninas nunca chegarão a se desfazer totalmente do complexo de Édipo, pois elas não têm esse motor de evolução que é a angústia de castração. Para Freud a menina vive seu complexo de castração sob a influência da *inveja do pênis* – expressão que significa que a menina inveja o pênis que o menino possui. Ela cogita, às vezes, que esse pênis desejado poderá ainda crescer ou que ela poderá obtê-lo. Freud observa que, mesmo quando uma menina tem uma idéia muito clara da real anatomia de seu corpo, seu desejo pode permanecer longo tempo “preso” no inconsciente: “Ela, a menina, se prende ainda por longo tempo ao desejo de obter também algo como isso, ela crê nessa possibilidade até uma idade mais avançada do que se pensa”, “...em tempos em que o conhecimento da realidade afastou como inacessível a satisfação desse desejo, a análise pode ainda demonstrar que ele permaneceu conservado no inconsciente e que ele guardou um investimento de energia considerável” (Freud, 1933, p.167-168).

Para Freud, a conscientização da ausência do pênis acarreta na menina o sentimento de que ela tem menos valor que um menino. Essa desvalorização, ela vai estendê-la às mulheres em geral e, em particular, à mãe. “A *menininha torna sua mãe responsável de sua falta do pênis e não lhe perdoa essa desvantagem*” (Freud, 1933, *La feminité*, p.167). Ela abandonaria então o investimento de amor por sua mãe, deixando emergir a hostilidade edípica em relação a ela. Com efeito, decepcionada por não ter recebido um pênis da mãe, voltar-se-ia para o pai para dele obter um bebê que representaria para ela um equivalente do pênis: “*Com essa transferência do de-*





sejo da criança-pênis para o pai, a menininha entra na situação do complexo de Édipo” (ibidem, p.172). Como conseqüência, a mãe torna-se uma rival que obtém do pai a criança-pênis que ele recusa à sua filha. Para Freud, portanto, a evolução das meninas consiste em aceitar o que elas sentiriam como uma inferioridade biológica, compensando-a com a satisfação de receber um bebê do pai, o bebê sendo um substituto do pênis.

Freud mostra, então, que o que se passa quanto ao complexo de Édipo na menina é, em certo sentido, o contrário do que se passa no menino. A angústia de castração do homem desaparece logo que ele se desvia de sua mãe para casar com uma outra mulher, mas a inveja do pênis na mulher não desaparece logo que ela se desvia de seu pai para casar com um outro homem. Ela deixa sua mãe, que não lhe deu um pênis, para pedir um a seu pai sob forma de criança. Mas logo que ela se afasta dele na direção de um marido, continuará a pedir a esse último a criança-pênis que antes reclamava daquele. Não se alivia de sua inveja do pênis, continua a ter que se contentar com um substituto. Freud conclui, e cito: na menina “...o complexo de castração prepara o complexo de Édipo em vez de destruí-lo.”

Os analistas pós-freudianos

O equivalente feminino da angústia de castração masculina

Penso que essa análise freudiana da inveja do pênis é importante e muito útil, mas com uma condição, a de não se perder de vista seu aspecto parcial. Não sou a primeira a pensar que a análise feita por Freud do complexo da menina e de sua inveja do pênis não insiste senão sobre um dos aspectos da sexualidade feminina e que ela constitui uma teoria sexual infantil que as mulheres são levadas a superar quando há uma evolução normal de sua sexualidade. Após Freud, analistas trouxeram novas contribuições importantes para a compreensão da sexualidade feminina. M. Klein, a primeira, trouxe novos elementos para a compreensão da sexualidade feminina. Para ela (1928, 1932), em particular, a menina tem de imediato um conhecimento de seus órgãos sexuais femininos, mas cito ainda J. Chasseguet-Smirgel (1964), J. McDougall (1964), Jacqueline Godfrind e Florance Guignard entre outras.

Retomemos o desenvolvimento sexual da menina

Parte-se do visível Penso que, no início da vida, o fato de os órgãos sexuais da menina não serem claramente visíveis desempenha um papel importante. Mas um





Danielle Quinodoz

psicanalista não se detém no visível; além do visível, ele se interessa pelo invisível. Em particular, ele sabe que, se os órgãos sexuais femininos não são visíveis na realidade, não deixam de existir e que não somente eles suscitam uma grande riqueza de fantasias como também animam a realidade psíquica dos analisandos dos dois sexos. Sem dúvida não há necessidade de ser psicanalista para convencer-se disso. Contudo essa convicção não ocorre de súbito, ela carece de tempo para estabelecer-se.

Certamente em um primeiro tempo, o pênis representa um papel primordial junto às crianças dos dois sexos, visto que, sendo visível, sua existência é verificável na realidade: tem-se um pênis, ou não se o tem. Isso determina a angústia de castração do menino e a inveja do pênis da menina. Por contraste, os órgãos sexuais femininos não sendo visíveis, sua existência não é evidente. A menina vê o sexo de seu irmão ou de um amiguinho e ela não tem pênis. Ele crescerá? A gente lhe diz que ela terá seios como mamãe. Mas por enquanto ela não os tem. Eles crescerão? Ela terá mais tarde um bebê em seu ventre...Mas mais tarde...Isso ainda não se vê. E compreende-se bem que, para alguns, nesse primeiro tempo, a especificidade feminina pareça definir-se pela negativa: uma menina é um ser sem pênis, “*um menino malogrado*” dirá Jones. As observações que põem em evidência a inveja do pênis não faltam: todo mundo pôde ver meninas que, observando irmãos ou companheiros de brincadeiras, tentavam obstinadamente fazer pipi de pé como os meninos. A partir da incapacidade de realizá-lo, elas podem fantasiar: “Alguma coisa falta em mim...eu quero destruir o que o outro tem...eu vou tirá-lo dele...por que sou punida?...Eu sou má, já que sou punida...Mamãe não me amou, já que ela não me deu um pênis. Ela é má...Ela teria fracassado comigo? Eu sou nula...etc”.

Em minha opinião, o fato de que o sexo feminino seja invisível, ou pouco visível, não basta para justificar que ele não seja conhecido pela menina. Com efeito não só uma percepção proprioceptiva de órgãos invisíveis pode desempenhar um papel, mas sobretudo há um conhecimento fantasioso da imagem do próprio corpo mantida pela rêverie da mãe e do pai, assim como pela maneira como o ambiente se conduz frente à criança. Certamente não se trata de um conhecimento racional anatômico ou psicológico em relação com a realidade exterior; trata-se de representações internas do próprio corpo ligadas a fantasias corporais inconscientes.

Nesse nível diversas circunstâncias podem favorecer ou não, na menina, a tomada de consciência da presença de seus órgãos femininos. Há famílias em que o ambiente percebe o que não se vê e em que os pais falam a seus filhos sobre o interior de seus corpos e respeitam o que a criança experimenta ou sente. Falam a sua filha do que existe dentro de seu ventre, o futuro é levado em conta, por exemplo: teus seios vão crescer, ou tu poderás ter um bebê no interior de teu corpo. Há também crianças que têm maior ou menor facilidade para representar o invisível a si mesmas e a fanta-





siar seus próprios órgãos e as funções que se relacionam com isso.

Nós sabemos como é importante que uma criança tome consciência de que o que não é visível pode ser real. Disso depende a descoberta da realidade psíquica e, em particular, a capacidade de pôr em um plano psíquico aquilo que não poderia ser considerado senão sob um plano concreto. Na mesma ordem de idéias, faz-se evidente que o sentimento de ser uma mulher, ou de ser um homem, não depende da existência concreta dos órgãos sexuais femininos ou masculinos. Para cada um de nós, isso depende de sua existência na realidade psíquica, que se apóia no conhecimento fantasioso de nosso próprio corpo. Se analisandas e analisandos realmente tiveram seus órgãos sexuais operados e amputados por razões de acidentes ou de doenças, por exemplo, na seqüência de um câncer, nem por isso deixam de permanecer mulheres e homens dotados de sentimentos de identidade feminina e masculina. Do mesmo modo o sentimento de ser uma mulher independe da menopausa. É antes o inverso que se observa: uma analisanda vive tanto melhor a menopausa quanto mais seu sentimento de feminidade corresponda a uma realidade psíquica e não a uma realidade anatômica e fisiológica concreta.

...para se chegar ao monismo fálico

No entanto, a prevalência do visual no começo da vida ajuda-nos a compreender que certos analistas, como Freud, se tenham detido nessa teoria sexual infantil e tenham podido definir os dois sexos em relação à presença ou ausência do pênis. Eles se referem à teoria que se chama de “monismo fálico” (um único órgão sexual é tomado como referência para designar os dois sexos: ou se o tem, ou não se o tem); eles definem a feminidade pela negativa: é feminina uma pessoa que não tem pênis.

Nesse nível quero contribuir com mais exatidões para a distinção entre duas palavras: pênis e falo. Alguns analistas utilizam a palavra pênis para designar o órgão sexual masculino no seu aspecto anatômico e biológico e a palavra falo para designar seu aspecto simbólico e as fantasias relativas a esse. Freud utilizava raramente a palavra falo, mas, quando o fazia, era no mesmo sentido da palavra pênis. Com efeito o que importa para a teoria psicanalítica não é o órgão na sua realidade biológica, mas o papel que esse órgão desempenha para as fantasias. A exemplo de Freud, utilizarei aqui a palavra “pênis” para designar tanto o aspecto biológico do órgão sexual quanto seu aspecto simbólico.

Se conservo a palavra pênis é principalmente para pôr em evidência a ancoragem do psíquico no corporal. Nesse sentido o importante não é somente o órgão em si, mas todas as fantasias que com ele se relacionam, por exemplo, o órgão pênis pode ser o ponto de ancoragem corporal de onde emerge a tomada de consciência da atitude





Danielle Quinodoz

de masculina para erguer-se, para penetrar, para passar de um estado de distensão a um estado de excitação, assim como para fantasiar em torno da distinção entre a função urinária e a função sexual.

Aliás, quando falo dos órgãos sexuais femininos, é também no mesmo espírito, referindo-me tanto ao aspecto simbólico quanto ao biológico. Trata-se para mim, certamente, de psicosexualidade. No que concerne aos órgãos sexuais femininos, são também as fantasias evocadas pelo órgão que importam mais do que o órgão em si. Por exemplo, o útero é o ponto de ancoragem das fantasias que dizem respeito às funções do feminino-maternal, enquanto a vagina é o ponto de ancoragem das fantasias ligadas às funções do feminino-amante e os seios evocam sobretudo fantasias de nutrição.

“Chamar um gato, um gato”

Considero importante que os psicanalistas sejam muito precisos na atenção com que escutam a ancoragem corporal da angústia expressa por seus pacientes e que eles a tomem em consideração nas suas interpretações. Com efeito, o sentimento que os órgãos sexuais femininos estão “escondidos” pode traduzir-se pela tendência a falar deles de modo impreciso, ou mesmo a não os nomear, como se as palavras devessem também escondê-los.

Talvez por essa razão eu deva encontrar uma perífrase para designar “a angústia de ser amputada dos órgãos sexuais femininos”, pois não há termo para nomeá-la em francês, enquanto que, para o menino, há a expressão “angústia de castração.”

As interpretações hão de variar bastante de acordo com a forma com que se reveste a angústia da paciente. Para algumas o sentimento de falta de feminidade é global, elas não sentem no que sua pessoa total, no seu duplo aspecto de corpo e psiquismo indissolavelmente ligados, poderia ou não ser feminina e é toda uma reconstrução de seu corpo fantasiado que elas são levadas a fazer na análise.

Outras têm um sentimento de falta muito mais localizado, elas podem mesmo tomar consciência, no curso da análise, de que não tinham fantasias corporais sobre alguns de seus órgãos femininos; por vezes, certos órgãos são percebidos como “vivos”, enquanto outros permanecem inexistentes. Foi assim que uma de minhas pacientes teve a surpresa de compreender que tinha nela o que chamou de “um quarto de bebês”. Com efeito, até esse momento, ela era consciente tão só das fantasias que mantinha em torno da presença interna de sua vagina. Outras tiveram a experiência de uma descoberta inversa.

São momentos de emoção na análise, quando uma paciente começa a ter um conhecimento fantasioso mais diferenciado do interior de seu corpo e toma consciên-





cia de que suas funções de digestão são distintas das funções de reprodução e de sexualidade genital. Isso tem repercussão na sua atividade psíquica, pois descobrem uma capacidade de acolher ativamente as idéias, são capazes de discriminá-las, digerir-las e lhes permitem crescer e nascer. Elas descobrem que essas funções podem ser ativas e não somente passivas.

A segunda razão que me faz utilizar a palavra pênis para designar-lhe a função simbólica e as fantasias correspondentes é para evitar as confusões provenientes de um desconhecimento da significação dada por Lacan ao termo falo. Lacan trouxe significações interessantes a essa palavra e que ultrapassam bastante o aspecto simbólico ligado ao órgão masculino em si. Lacan, que reserva o termo pênis para designar o órgão masculino, distingue o falo *imaginário* e o falo *simbólico*. O falo *imaginário* é a imagem do pênis, objeto parcial destacável, considerado pela criança como o objeto do desejo da mãe. Nessa ótica, aceitar a castração significa, *para o menino* como *para a menina*, aceitar não ser o falo imaginário da mãe. Quanto ao falo *simbólico*, este é um significante simbólico, pivô único que diferencia os sexos: os homens têm um falo simbólico, enquanto as mulheres não o têm, no plano simbólico sua ausência constituindo por si mesma uma presença. Assim, simbolizando a possibilidade da falta, o falo simbólico pode também simbolizar a aceitação da incompletude indispensável para se renunciar à onipotência infantil.

Mas, se o analista não for atento a isso, pode ocorrer confusões entre o sentido geral da palavra falo e o sentido dado por Lacan. Para numerosos psicanalistas que se referem aos diversos sentidos que lhe atribuiu Lacan, o falo simboliza “a” diferença sexual, mesmo se esse símbolo se inspira na representação do órgão sexual viril. Ora, Lacan está muito preso ao monismo fálico e, aliás, não está nem um pouco interessado na ancoragem corporal do psiquismo. A confusão provém justamente do fato de que esse símbolo se inspira na representação do órgão sexual viril e que o monismo fálico (um só órgão é tomado como referência para os dois sexos) se insinua implicitamente em uma teoria sexual que toma em conta indiferentemente os dois sexos.

A vergonha de uma feminidade definida pela negativa

Mas voltemos ao que as analisandas podem nos expressar no correr de uma análise. Há pacientes que buscam uma psicanálise justamente porque sua feminidade permanece para elas definida pela negativa. Sua história, dominada pela inveja do pênis, é então bem triste, pois as fantasias freqüentemente não verbalizadas se encaixam assim: “Eu não tenho pênis, eu não tenho sexo, eu não tenho nada, eu não sou nada”. Além disso a paciente pode se sentir culpada de não aceitar o que ela pensa ser a realidade. Por vezes se revolta e busca construir-se um pênis de substituição. Por





exemplo, ela tenta inconscientemente demonstrar ser mais forte que os meninos. Ou ainda atribui a uma outra parte do corpo o valor que atribuía ao pênis, ou seja, algumas podem fazer um deslocamento para a cabeça e utilizar as conquistas intelectuais como se se tratasse de um pênis.

As saídas possíveis consideradas por Freud revelam-se decepcionantes, por exemplo, quando avalia que a menina pode pedir a seu pai, depois a seu marido, um substituto do pênis sob a forma de uma criança ...Ou ainda quando diz, eu o cito: “*Se uma mulher se casa ... seu casamento não estará assegurado antes que ela (a mulher) não tenha chegado a fazer do marido também seu filho e a se comportar em relação a ele como sua mãe*” (Freud, 1933).

Felizmente para muitas mulheres a história não termina aí. E as pacientes que não chegam a descobrir sozinhas a continuação de sua história pedem, às vezes, ajuda a um ou a uma psicanalista. Essas pacientes tomaram consciência de que, para se sentir mulher, não basta aceitar não ter um pênis, mas que a especificidade feminina se define de modo positivo; de acordo, as mulheres não têm pênis, mas é a presença de seu sexo feminino que as define como mulheres e não a ausência de sexo masculino. Elas compreendem que, realmente, tinham duas razões de sentir vergonha. Não somente a vergonha de serem sem pênis, mas também a vergonha de terem considerado seu próprio sexo como nada, como se o sexo feminino não valesse a pena de ser tomado em consideração. “Um sexo que vale como manteiga”, dizia-se uma paciente retomando uma expressão de criança.

A partir do momento em que o fato de não se ter sexo masculino permite ter-se um sexo feminino, toda uma nova realidade fantasiosa surge às analisandas para a descoberta das riquezas femininas escondidas. A impossibilidade de ter os dois sexos torna-se uma vantagem. Não ter “um” permite ter “o outro” e permite igualmente ter desejos por uma pessoa que possui o sexo que não se tem, de acordo com um modo de desejar que não é aquele de querer possuir, mas de ser em relação *com*.

A angústia de ser amputada dos órgãos sexuais femininos

Para algumas mulheres, sentir de modo positivo que são mulheres parece elementar: elas sentem que seu corpo de mulher se desenvolveu pouco a pouco ao longo de uma história interna de mulher, através de uma tomada de consciência feminina do tempo (diferente da do homem), em interação com uma realidade fantasiosa de mulher. Todavia para outras, tomar consciência da existência de sua psicosexualidade feminina, de seus órgãos de mulher e de todas as fantasias que os acompanham não é simples. A descoberta da realidade psíquica e da realidade interna fantasiosa podem estar ligadas à tomada de consciência da presença do sexo feminino escondido.





Além disso, como mostrou M. Klein (1932), é ao termo de toda uma aventura psíquica entre a menina, sua mãe e seu pai que aquela toma consciência de ser uma mulher. Esse percurso pré-genital e genital é tecido de desejos, de identificações, de amor e de ódio, de ataques fantasiosos aos órgãos femininos e seus conteúdos assim como de medo de retorsão entre mãe e filha.

Se compreendemos que a mulher é não só uma pessoa desprovida de sexo masculino, mas uma pessoa provida de um sexo feminino, percebemos mais correspondências entre homens e mulheres. De um lado um homem pode ter inveja em relação aos órgãos sexuais femininos, como uma mulher pode ter inveja do pênis. Assim um homem pode experimentar a inveja de esperar uma criança e de pô-la no mundo.

Mas uma mulher pode também ter uma angústia de ser amputada de seus órgãos sexuais femininos, assim como um homem pode ter uma angústia de castração. M. Klein foi a primeira a observar que as meninas pequenas podem sentir a angústia de serem amputadas de seus órgãos femininos e que essa angústia é equivalente à do meninos de serem amputados de seus órgãos viris (D. Quinodoz, 1993): “*A angústia muito intensa da menina quanto a sua feminidade é análoga, poder-se-ia dizer, ao medo de castração do menino, pois ela representa certamente um papel na repressão de suas tendências edípicas*” (M. Klein, 1928, p.238).

Logo que o analista toma em consideração a angústia da menina em relação a suas riquezas femininas, o contexto edípico dela aproxima-se do que Freud observava nos meninos. Em sua rivalidade com a mãe para conquistar o pai, as meninas temem muito ser amputadas por retaliação, mas amputadas de seus órgãos sexuais femininos e não de um pênis.

Ao longo de uma análise

Essa ameaça de ser amputada de seus órgãos femininos sentida pelas meninas pode tomar diversas formas mais ou menos psíquicas, mais ou menos corporais.

Exemplos

Ao longo das análises podemos encontrar muitos exemplos dessa angústia feminina de ser amputada dos órgãos femininos. Primeiro nas análises de crianças: os jogos de esvaziar o interior de gavetas, cofres, de os preencher, de devorar, etc. A propósito mencionarei um traumatismo capaz de reforçar essa angústia: os enemas da criança, sobretudo da menina pequena, podem ser vividos como a prova de que a





Danielle Quinodoz

ameaça de ser esvaziada de seu interior era real. Mas também temos exemplos nas análises de adultos: meninas ou mulheres não querem falar de sua sexualidade, de seus amigos e de seus desejos de criança a seu analista, que representa sua mãe na transferência, pois fantasiam que a mãe lhes tirará sua sexualidade, seus amiguinhos e proibirá que elas tenham filhos. Ou ao contrário, o que dá no mesmo, fantasiam que a mãe vai se apoderar dos filhos delas, dirigirá toda a sua vida sexual como se dela se apropriasse. Por vezes isso chega ao ponto de crerem que seu “interior” de mulher foi arruinado, que elas não poderão ter filhos, ou que o filho fatalmente será danificado. Aliás, certos começos de gravidez seguidos de interrupção têm como significação inconsciente para essas pacientes verificar se seus órgãos de mulher funcionam bem. Com efeito certas pacientes se sentem muito culpadas por terem abortado; seu início de gravidez lhes aparece desprovido de sentido ou de não ter senão um sentido negativo. Elas, por vezes, surpreendem-se muito ao descobrir que seu começo de gravidez com efeito tinha também um sentido positivo. Essas pacientes que, nesse momento de suas vidas, não desejavam realmente ter um filho, tiveram, inconscientemente, necessidade de verificar, graças a esse começo de gravidez, que seu interior estava intacto e que podiam ter um filho. Aliás, é importante distinguir o desejo de estar grávida, o desejo de ter um bebê e o desejo de ter um filho, esses três desejos distintos podendo certamente coincidir.

A angústia de ser amputada de seus órgãos femininos pode também exprimir-se de uma outra maneira inconsciente: ocorre que uma paciente mostra sinais exteriores de pobreza para que sua mãe-analista não suspeite que ela possui riquezas tanto exteriores quanto interiores. Assim sendo essa mãe não vai apoderar-se delas, não vai roubar-lhe nada. Mas isso pode ir até o ponto de a jovem, inconscientemente, convencer-se que é pobre de modo a se impedir todo sucesso. Ela não sabe que é rica. Penso em uma paciente que se apresentava vestida como uma pobretona. Ora, essa pobreza aparente exprimia os sentimentos de pobreza psíquica: ela se sentia pobre de memória, de inteligência e de feminidade. Seu medo de ser roubada, caso mostrasse suas riquezas, correspondia, aliás, a seu desejo inconsciente de roubar as riquezas de sua mãe. Ela as invejava inconscientemente, desejava apoderar-se delas e suspeitava que, em represália, sua mãe era movida por desejos equivalentes.

A dor de ser duas vezes nada

Se um analista não toma em consideração a angústia de amputação dos órgãos femininos apresentada por uma analisanda, ele pode colocá-la em uma situação duplamente difícil. Com efeito, como cada ser humano, ela deve aceitar não ter o “outro” sexo, condição indispensável para descobrir seu próprio sexo; mas, além disso,





se sua angústia de ser amputada “do sexo que ela tem” não é reconhecida pelo analista, isso remete a negar a existência de seu sexo de mulher. Com efeito, como mostrava Freud, nós não podemos ser amputados do que não possuímos; portanto, se o analista ignora que uma mulher possa se sentir ameaçada na integridade de seus órgãos femininos, isso pode ser experimentado por sua paciente como se ele pusesse em dúvida a existência mesma desses órgãos e constituir uma ameaça de amputação semelhante à ameaça de castração para os homens. Uma mulher pode, então, experimentar o sentimento de ter “duas vezes nada”: não ter sexo de homem, não ter sexo de mulher e imaginar que o analista confirma esse duplo nada.

Uma analisanda no começo de sua análise sentia uma vaga vergonha ligada à representação que se fizera de seu corpo e, além do corpo, à impressão de ser nula, “*um cesto furado*” disse ela. No fim da análise, quando não era mais tomada desses sentimentos de vergonha, tem um sonho que “*vira uma página*” (Quinodoz, JM, 2002), isto é, no qual ela reviveu um antigo sentimento de vergonha, pondo em representação as dificuldades antigas agora elaboradas. Eu o resumo assim: *O carteiro tinha posto cartas na fenda do muro, sem se dar conta que não havia caixa de correspondência. As cartas estavam esparramadas por terra.*

Segundo as associações da paciente, tratava-se de uma representação inconsciente de seu corpo que punha em evidência uma dupla vergonha: vergonha de ter um corpo sem órgão sexual masculino e sem órgão sexual de mulher, *vergonha de ser duplamente sem nada*, simplesmente uma fenda que se abria sobre um buraco. Através da transferência, pudemos reconstituir que, se a caixa de correspondência da paciente tinha desaparecido, era porque ela fizera desaparecer a de sua mãe, que assim se vingara. Essa analisanda podia verbalizar suas fantasias e era acessível ao simbolismo. O sonho viera quando havia tomado consciência suficiente do sentimento de falta para chegar a representar-se oniricamente o que podia lhe faltar.

Desvalorizar os órgãos femininos tornando-os inertes

O sonho que acabo de mencionar nos permite referir um outro tipo de vergonha e de culpabilidade: uma “caixa de correspondência” sendo um continente inerte, pode oferecer uma representação desvalorizadora do sexo feminino. Toda representação inerte, mesmo se parece de início valorizadora, como “bolsa, caixa de jóias, urna preciosa ou vaso em nácar”, pode revelar uma ferida inconsciente vergonhosa nas pacientes. Com efeito, uma “coisa” – por mais preciosa que seja – não é nada ao lado de um órgão vivo que cria uma relação complexa com seu conteúdo.





Evolução da função continente

Posso analisar ainda mais a forma de ataque precedente (por coisificação), mostrando como pacientes são capazes de evoluir em sua representação da *função continente* no curso de uma análise. Frequentemente nos é possível apreciar, nesse processo, de que modo pacientes homens e mulheres evoluem em seu conhecimento psíquico da sexualidade feminina e masculina (as duas indo de par); eles podem, no início, representar-se o corpo feminino como esburacado e designar o sexo feminino como um buraco (o nada por onde a pessoa se esvazia e que não tem nenhuma capacidade de conter seja o que for) exprimindo a ausência de qualquer órgão. Eles podem, ainda, representar-se o corpo feminino de uma maneira um pouco menos desvalorizada, carregada, contudo, de agressividade, vendo o sexo feminino como uma cavidade que seria um continente-coisa inerte, um pote, um oco, um vaso. Comparada à fantasia do buraco, essa representação tem a vantagem de designar um continente capaz de conservar um conteúdo. Mesmo assim ela permanece desvalorizadora, pois suprime toda a vida, toda possibilidade de interação com o conteúdo e com a pessoa total. Essa representação é tanto mais perniciosa quanto mais pode, às vezes, expressar-se através de imagens idealizadas que dissimulam o ataque sob uma aparente valorização. Por exemplo, um paciente ou uma paciente que se representam os órgãos femininos como ricas urnas ou vasos preciosos parecem tê-los em alta estima. No entanto, sob a aparente valorização, as analisandas podem ser sensíveis ao simbolismo que põe em evidência a desvitalização de seus órgãos de mulher. Elas podem mesmo sentir-se tanto mais feridas quanto mais o ataque inconsciente toma a forma de uma lisonja.

A atitude dos pacientes muda radicalmente desde que aparece a representação do sexo feminino como um *órgão oco vivo* capaz de acolher, conter e expulsar. Com esse *órgão ativo* estamos bem longe da imagem do *vaso* que recebia passivamente um conteúdo, trata-se de um órgão que faz parte integral de uma pessoa total e que mantém relações complexas com o que ele acolhe, participando de uma atividade criadora. Essa evolução das representações do sexo feminino mostra uma evolução correlativa das representações do sexo masculino, pois é bem evidente que uma penetração viril não tem significação relacional objetal se se realiza em um buraco ou em um vaso por mais precioso que seja.

Ora, penso que, se um analista não se mantém muito atento a isso, uma analisanda pode ter a impressão de que seu analista julga adequado que os órgãos femininos sejam representados por um objeto inerte. O analista arrisca-se, então, a ser considerado inconscientemente pelo (pela) paciente como cúmplice da amputação dos órgãos femininos. Se não interpretar o medo transferencial em relação à desvitaliza-





ção dos órgãos femininos da sua analisanda, essa corre o risco de não mais ter confiança em um analista que a deixa só com a angústia de ser nada.

Aliás, é interessante constatar que não são unicamente os atributos femininos que podem ser “coisificados” (por exemplo, o vaso, o cofre de jóias, etc.), mas também os atributos masculinos (o mastro, o cetro, etc.) e que a ameaça de desvitalização pode se dirigir conjuntamente a ambos os sexos. Eu insisto, todavia, em precisar que não é a imagem simbólica de um valor universal em si que eu tomo em consideração, mas que me mantenho alerta para a significação simbólica pessoal que um paciente particular lhe atribui, o mesmo símbolo podendo exprimir uma desvalorização ou uma valorização de acordo com as fantasias de cada paciente.

A fantasia corporal servindo de apoio à *função* continente da analisanda ou do analisando adquire um valor simbólico ainda mais forte quando designa um continente psíquico. Nesse caso, *conter* quer dizer *dar uma* significação. Uma mãe pode conter as angústias de seu filho dando-lhes sentido. Ela torna-se um bom continente para ele. Vemos assim toda a força da bissexualidade psíquica: o pai como a mãe podem dar sentido às angústias da criança e contê-las. A noção de continente libera-se, pois, da forma: o continente não é forçosamente representado por um oco; o pênis, como o útero e a vagina, pode apoiar a função continente e simbolizar a capacidade de dar sentido; cada um de nós pode então funcionar como continente psíquico, segundo seu modelo feminino ou masculino.

É possível que, se o analista valoriza essa rica representação coisificada dos órgãos femininos, a paciente tenha uma reação de catástrofe cuja razão ela própria não compreende. De seu lado o analista também pode desconcertar-se, visto que, em um primeiro movimento, estaria tranqüilo frente à evolução de uma analisanda que, em lugar de representar seu “interior” pelo “nada”, o faria por uma “esplêndida caixa de jóias”. Assim pois, o analista pode desencadear em sua analisanda uma reação que vai do abatimento à raiva, caso não perceba que, na transferência, ele poderia ter sido visto como cúmplice da amputação dos órgãos femininos dela, parecendo alegrar-se com sua coisificação. Aliás, a coisificação em um objeto precioso e valorizado parece por vezes perfeitamente humilhante, pois a paciente pode sentir-se “pressionada”: ela não tem nem mesmo o direito de se queixar, visto que o analista parece, para ela, valorizar essa representação! A vergonha revivida na transferência é então ainda menos exprimível: a analisanda tem vergonha de ter vergonha.

Deve-se salientar que a coisificação do pênis (o cetro, o mastro, etc.) não me parece suscitar uma vergonha análoga, pelo menos em aparência. Talvez isso se deva a um contexto diferente, o pênis sendo valorizado desde o começo por ser visível?





Danielle Quinodoz

A intimidade mãe e filha: a homossexualidade estruturante

Ao longo de uma análise não é somente o conflito mãe-filha que se representa na transferência, nem somente o desejo de se fundir com uma mãe pré-genital, mas também a necessidade de uma intimidade libidinal mãe-filha, a mãe encontrando-se aqui no seu papel genital de mulher amante (confrontá-lo com o sucesso da boneca Barbie e o perigo desse sucesso). Por exemplo, uma paciente tinha expressado esse desejo de intimidade com a mãe amante que eu representava na transferência através de um sonho no qual me pedia que lhe acariciasse os seios para que crescessem. Essa analisanda tinha tido necessidade que eu reconstruísse com ela, na transferência, as fantasias que exprimiam sua necessidade de descobrir sua própria feminidade ao contato com o corpo de sua mãe. Em suma ela me dizia: “Mamãe, me mostra como tu fazes para amar o papai. Como conhecer os homens.” Ela não podia abordar sozinha suas fantasias, porque precisava que a analista, graças a sua capacidade de rêverie, desse sentido a seus desejos e lhe permitisse descobrir o aspecto estruturante do que lhe aparecia como tendências homossexuais condenáveis. Tratava-se enfim de uma homossexualidade estruturante normal análoga à que se encontra nos pacientes de sexo masculino que necessitam aceitar seus desejos passivos para com seu pai a fim de descobrirem sua própria potência viril.

Na análise uma paciente pode ter necessidade de se descobrir mulher na relação com um analista que, na transferência, representa seu pai. Mas pode ser igualmente importante que ela se descubra mulher, identificando-se com um analista que, na transferência, represente a mãe-mulher genital. Por vezes, contudo, com igual força ela pode esconder esse desejo de se aproximar da mãe-mulher genital ou repudiá-la. Com efeito, o desejo, combinado com a agressividade em relação à mãe-mulher na transferência, suscita todo um cortejo de culpabilidade e de sentimentos de vergonha. Em particular essas analisandas têm com frequência vergonha de que o desejo de aproximação apareça como homossexualidade (com a etiqueta perversa) e temem que, na aproximação com sua mãe, os homens não sejam vistos senão como intrusos. É, aliás, por essa razão que, em um primeiro tempo, a analisanda pode esconder seu desejo de aproximação com sua mãe indo a um analista homem. É importante então que o analista homem tome consciência de que, na transferência, ele não tem o papel de uma mãe pré-genital com um bebê, mas sim o papel de uma mãe-mulher genital e amante.

Uma evolução positiva produz-se na medida em que, sendo verbalizados pelo analista os eventuais perigos da aproximação, a paciente se dá conta de que a força de seu desejo por sua mãe genital desemboca na descoberta de que uma mulher “ama” os homens e que – se há homossexualidade – se trata de uma homossexualidade





estruturante normal (do mesmo tipo da que se encontra no menino), que se abre para o mundo dos homens.

Definir a feminidade de modo positivo: um ganho duplo

No fim de sua conferência sobre a feminidade, Freud confessava que seu conhecimento das mulheres era bastante lacunoso e encorajava nossas próprias pesquisas: “*Se querem saber mais sobre a feminidade, interroguem vossas próprias experiências de vida, ou se dirijam aos poetas, ou então esperem que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes*” (Freud, 1933). Eu me inscrevo nessa ótica para sublinhar a importância de uma definição positiva da feminidade. A meu ver, definir a feminidade de modo positivo traz um ganho duplo.

Uma definição positiva põe em relevo o papel que os órgãos femininos representam para as fantasias na realidade psíquica das analisandas e dos analisandos. Por exemplo, descobrimos que os órgãos femininos, longe de serem passivos, são contínuos ativos, podendo ativamente acolher, conter e expulsar. Reconhecer sua atividade específica, bem diversa da do pênis, favorece seu desenvolvimento (de ambos os sexos). O segundo benefício de uma definição positiva da feminidade consiste em valorizar não só a feminidade da mulher, mas a do homem no contexto da bissexualidade psíquica. □

Summary

The author noted that when her analysees define womanhood only in the negative (a woman is a man without a penis), they are overwhelmed by the “penis envy”, so well evidenced by Freud. Often do they experiment feelings of disappointment, shame and guilt. Soon these analysees become aware of the fact that their not having “one” of the two sexes allows them to have the “other”. It is the presence of their feminine sex that defines them as women, and no longer only the absence of masculine sex. That is how these analysees join a new fantastic reality, in search of hidden feminine riches.

Resumen

La autora observó que, cuando sus analizandas definen la feminidad únicamente por la negativa (una mujer es un ser sin pene), ellas están dominadas por la “envidia del pene”, tan bien colocada en evidencia por Freud. Con frecuencia experi-





Danielle Quinodoz

mentan sentimentos de decepção, vergüenza y culpabilidad. Después que esas analizandas toman conciencia que el hecho de no tener “uno” de los dos sexos permite tener el “otro”, es la presencia de su sexo femenino que las define como mujeres y no más únicamente la ausencia de sexo masculino. Es así que aparece en esas analizandas una nueva realidad de fantasía, en búsqueda de las riquezas femeninas ocultas.

Referências

- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1964). La culpabilité féminine. In: *Recherches psychanalytiques nouvelles sur la sexualité féminine*. Paris: PUF, p.129-130.
- FREUD, S. (1909). Le petit Hans. In: *Cinq psychanalyses*. Paris: PUF, 1981.
- . (1916-17). *Introduction à la Psychanalyse*. Paris: Payot, 1961, rééd. 1990.
- . (1923). Le moi et le ça. In: *Essais de Psychanalyse*. Paris: Gallimard, 1981, p.221-275.
- . (1933). *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*. Paris: Gallimard, 1984.
- GODFRIND, J. (2001). *Comment la féminité vient aux femmes*. Paris: PUF.
- KLEIN, M. (1928). Les stades précoces du conflit édiptien. In: *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1968, p.229-241.
- . (1932). *La psychanalyse des enfants*. Paris: PUF, 1959.
- MCDUGALL, J. (1964). Considérations sur la relation d'objet dans l'homosexualité féminine. In: *Recherches psychanalytiques sur la sexualité féminine*. Paris: Peyot, p.221-274.
- QUINODOZ, D. (1984). L'incapacité de bien traiter ses objets internes comme expression de l'homosexualité latente. *Rev. Fran. Psych.*, 33, p.745-750.
- . (1990). L'insoutenable incertitude: le fantasme du berceau vide. *Rev. Fran. Psych.*, 6, p.1567-1572.
- . (1993). L'angoisse de castration a-t-elle un équivalent féminin? *Rev. Franç. Psychanal.*, 5, p. 1647-1572.
- . (1994). *Le vertige entre angoisse et plaisir*. Paris: PUF. *Emotional vertigo between anxiety and pleasure*. NY, London: Routledge.
- . (2002). Des mots qui touchent. Une psychanalyste apprend à parler. Paris: PUF. *Word that touch*. NY, London: Karnak Books, 2003.
- QUINODOZ, J-M. (2001). *Des rêves qui tournent une page*. Paris: PUF.

Recebido em 18/05/2003

Aceito em 06/06/2003

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**

Revisão técnica de **Paulo Henrique Favalli**

Danielle Quinodoz

53 a chemin des Fourches, CH 1223

Cologny-Genève – Suíça

© Revista de Psicanálise – SPPA

